

Publica-se
a um e quinze
de cada mês

Mínimo de assi-
natura: 5 núme-
ros, 5 escudos.
(Pagamento
adiantado).

Visado pela
omissão de
Censura

SOL

nascente

quinzenário cultural de literatura e crítica

de Sol a Sol



estatísticas por lazer

Creemos que nunca, como nestes tempos, as estatísticas foram tão cultivadas. Fazem-nas a-propósito de tudo—e, às vezes, até a-propósito de nada. Daí o serem muitas inúteis e outras ridículas. Mas às que resistem ao riso, às que não são fúteis, muitas ainda haveria a juntar. Por exemplo: nos últimos dias, para homenagear, ou talvez deslumbriar o chanceler Hitler, a Itália dispendeu rios de dinheiro. Dispendeu-o em banquetes, manobras militares, iluminações, fogos de artifício... Enfim, coisa de estrondo em que muitas centenas de milhão de liras se derreberam. Por seu lado, Hitler, no outono passado, quando recebeu na «sua casa» o seu amigo (?), o Duce, consumiu um número de marcos mais ou menos equivalente ao total das liras italianas agora queimadas em pólvora seca e em foguetes de lágrimas, liquefeitas em champagnes caros e em vinhos generosos,

transformadas em trufas e em pudlins... Os ingleses, que gozam fama de práticos, com o coroamento do seu soberano levaram as coisas mais longe, ainda. Dos seus cofres sempre a abarrotar as libras saltaram, correram, em filas cerradas, telintando... e metamorfosearam-se em mastros com bandeiras a flamejar ao vento, em manjares, em sedas...

Pois bem, com estes dados poder-se-ia conseguir uma estatística magnífica. Bastava para tanto que um homem paciente aparasse um lápis e fôsse registando todos os montões de ouro que a vaidade dos seus semelhantes delapida no espaço de um ano. Depois (porque só este trabalho de escritório não chegava) que esse mesmo homem paciente se informasse dos centavos que um esfomeado necessitaria para saciar a sua fome, que dividisse a cifra astronómica das vaidades pelos míseros centavos do esfomeado e nós ficaríamos sabendo quantos estômagos deixavam de sentir saudades do pão.

E', na verdade, uma estatística a fazer.

a hora do bom senso

Os jornais noticiosos costumam, por intermédio das penas fecondas dos seus correspondentes, anunciar todos os anos o aparecimento das andorinhas. Nós nunca anunciamos o aparecimento dessas aves, aliás tão simpáticas, aos nossos leitores. Mas—e não julguem que isto é uma compensação — anunciamos-lhes hoje a entrada das semanas d'filantropia, das protecções e não sabemos mais de quê.

Acabou agora mesmo a da tuberculose; daqui a pouco bate-nos à porta outra qualquer: a da urva, da alegria, da bondade, dos animais, não importa. O certo é a nossa existência, de futuro, passar a decorrer em períodos limitados de sete dias com pensamentos estatuidos, actos estatuidos, gostos estatuidos, prazeres estatuidos... Uma que outra vez, para fugir à monotonia, conceder-nos-ão um dia de folga. E, então, teremos o dia da flor, do papelinho com cruz e do papeli-

nho sem cruz, espetados na lapela.

Tudo isto nos parece excelente. Não seria mau, porém, a todas essas semanas e a todos esses dias juntar uma hora calma, uma hora natural e sincera: a hora do bom-senso.

revistas

momento

Reapareceu esta revista—manifesto de divulgação e crítica—que vai publicar-se mensalmente tendo a dirigi-la Artur Augusto.

O artigo de apresentação, o seu programa, pareceu-nos cheio de bom senso e muito de aplaudir.

Neste 1.º número, em que há um doseamento inteligente dos assuntos, *Momento* tem palavras de aprêço para *Sol Nascente*, que agradecemos.

Esperamos que a obra de *Momento* corresponda aos seus desejos e que a sua vida seja longa e útil à cultura portuguesa.